

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**

**22<sup>a</sup> REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA  
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**SIMPÓSIO 02:  
SUBJETIVIDADE, IDENTIDADE E BRASILIDADE**

**Coordenador:  
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (UFC)**

**Expositores:  
Paulo Henrique Martins (UFPE)  
Daniel Soares Lins (UFC)  
Regina Abreu (UNI-RIO)**

A temática abrangente deste simpósio recobre um sem número de questões. No entanto, uma discussão que pretenda centrar-se numa reflexão mais específica acerca de alguns de seus problemas pode perfeitamente suscitar um debate fecundo e inovador, a partir inicialmente das experiências de seus participantes, que têm realizado intensa troca dos resultados de suas pesquisas e estudos, interpessoalmente ou noutras reuniões da ABA, da ANPOCS, etc.

Nessa perspectiva, as questões concernentes aos processos de subjetivação, dentro de um contexto múltiplo de códigos culturais diferenciados, a problemática da ipseidade e da alteridade, do semelhante e do outro, remetem no rumo da construção de uma hermenêutica do si mesmo, dentro da dialética 'indivíduo e pessoa'.

É mister insistir em que tais articulações só se explicitam e se efetivam nos quadros de um processo mais inclusivo em que se elaboram as formas societárias em suas dimensões culturais, econômicas e políticas, tanto em sua sincronia quanto em sua diacronia. Ora, tais operações se concretizam mediante filiações a tradições normativas e axiológicas que se concretizam numa experiência compartilhada, numa palavra: na existência de uma memória coletiva, incluindo seus mecanismos seletivos de preservação e de esquecimento [cf. Halbwachs, Dumont, Le Goff, etc.].

Assim, o horizonte dos estímulos veiculados no sentido das comemorações do milênio e do quinto centenário do descobrimento do Brasil constitui um convite ao debate aprofundado sobre a problemática da brasilidade, ao balanço crítico da produção simbólica que tem tentado dar conta do desafio de nossa aporia ôntica. Pelo menos desde a Independência, ele tem constituído isso que se consagrou como a «tradição afortunada» da inteligência brasileira, sobretudo na crítica, na prosa de ficção, no ensaísmo interpretativo, na historiografia, etc.

Nesse sentido, os participantes deste simpósio não pretendem assumir uma defesa identitária e seus correlatos, pois optam antes pela gestão mais realista da inteligência da multiplicidade, que se desdobra incessantemente pelas contribuições e incorporações dos estoques culturais da diversidade interna e do intercâmbio externo. Eis por que essa temática será examinada por ângulos que incluem, além dos núcleos centrais desse processo, seus arranjos alternativos ou excluídos.

## CRÍTICA DA NOÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL

### Eduardo Diatahy B. de Menezes (UFC)

Desenvolvo aí uma reflexão crítica do tipo que o pensamento alemão chama de trabalho do conceito. Com efeito, até mais ou menos uns vinte anos atrás as Ciências Sociais desconheciam o uso corrente desse conceito de “identidade”, que se tornou um modismo insidioso e quase leviano nas nossas práticas discursivas de uns 10 ou 15 anos para cá. Que problemáticas são dissimuladas no uso dominante dessa indigência conceptual?

A noção de identidade, que possui uma vigência formal relativamente aceita no campo da lógica e das matemáticas, tem sido alvo no entanto de críticas severas de pensadores como Wittgenstein, Meyerson, Heidegger, Deleuze, Ricœur, etc. E mesmo de nossos pares, como se infere do seminário multidisciplinar dirigido por Lévi-Strauss, no Collège de France. Assim, transplantar este conceito, que implica **mesmidade**, para o território das realidades **in fieri**, dos processos culturais radicalmente mergulhados na incessante transformação histórica, é no mínimo problemático, e distorce a perspectiva epistemológica própria de nossos estudos.

Esta comunicação pretende enfrentar alguns pontos críticos da metafísica essencialista e não-histórica desse princípio que funda a lógica ocidental. Noutros termos mais simples, pretendo dar uma resposta positiva à indagação aguda e maliciosa de Borges em seu provocador e célebre conto El Aleph: «Cambiará el universo pero yo no, pensé con melancólica vanidade».